

ARTE, ESTÉTICA E FORMAÇÃO HUMANA: POSSIBILIDADES E CRÍTICAS

Patricia Martins Gonçalves¹

¹Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), São João Del Rei/MG- Brasil

ZANOLA, Silvia Rosa da Silva (Org.). Arte, Estética e Formação humana: possibilidades e críticas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

São muitas as nuances teóricas da Estética, pois esta se traduz enquanto filosofia, percepção, experiência e pode estar associada a diversos contextos e fenômenos. O Estudo crítico dessa perspectiva, enquanto forma de conhecer e de concepção da cultura, tem tido cada vez mais relevância diante dos tempos de hoje, em que somos influenciados pelas ideias da modernidade e beneficiados com as tecnologias. Percorrer essas temáticas a partir de experiências, pesquisas e teorias filosóficas, permite vislumbrar outros caminhos para pensar e perceber a formação humana e os processos sociopedagógicos contemporâneos.

A reflexão sobre a formação humana a partir da estética suscita temáticas como: saber sensível, cultura, arte, educação artística, formação musical, experiência estética, indústria cultural, trabalho, arte contemporânea, percepção estética, teatro, etc. O livro “Arte, Estética e Formação humana: possibilidades e críticas” percorre essas temáticas por meio de

um conjunto de nove artigos científicos que articulam estudos históricos, filosóficos e sociológicos que contextualizam as discussões éticas, políticas e estéticas, e possibilita refletir e relacionar concepções de mundo construídas historicamente com os desafios que enfrentam aqueles que lidam com o fenômeno da formação humana.

O primeiro capítulo trata das “Estéticas da Recepção: possíveis associações entre percepção estética e educação” no qual, Carla Milani Damiano, nomeia conceitos da tradição filosófica que antecedem a teoria kantiana e que tratam a questão do gosto no século XVIII, tais como: subjetividade, universalidade, desinteresse, imaginação, estetização da moral, maneiras (*manners*), hábito, imitação ou mimesis, belo, sublime. Um contexto nominado como “Estética da Recepção” que traz uma forte relação entre estética, ética e política e mostra a falta de autonomia a qual estava vinculada a estética, trata-se da tradição dos britânicos como Hume, Shattisbury e Hutcheson. É na estética kantiana que haverá a distinção entre o estético e o moral e é a partir disso que os românticos abrem as portas para as interpretações que associam Kant a Walter Benjamin. Este último estabelece novas categorias na recepção da arte transformada pela técnica e analisa como as pessoas passaram a se relacionar com o objeto artístico, ou seja, a recepção do objeto no contexto do surgimento da indústria nos centros urbanos e a transformação dos séculos XIX e XX com o surgimento do cinema.

O segundo capítulo, “Novos Sentidos da Crítica Por Meio do Saber Sensível das Imagens: a experiência estética viva”, Keyla Oliveira e Monique Nogueira abordam as relações entre

arte, educação e cultura a partir da Teoria Crítica da Sociedade, valendo-se das reflexões de Alicia Entel sobre estética e política, sobre a sutileza das formas de alienação a partir das ideias dos frankfurtianos (Benjamin, Marcuse e Adorno) e apontam para a compreensão de que as práticas culturais modelam as percepções humanas. No terceiro, continuamos com a abordagem da Teoria Crítica da Sociedade, Nivaldo de Freitas, “Experiência e Formação do Indivíduo: reflexões com base na teoria crítica”, levanta o desafio de pensar a formação para além do sistema educativo, refletindo sobre a estrutura da experiência a partir de pensadores como Benjamin, Adorno, Horkheimer e Georg Simmel. Também Silvia Zanolla, em “Educação Artística e Formação Musical em Adorno”, a partir do pensamento adorniano, reflete sobre a relação entre arte, música, educação e formação, esta última compreendida de forma ampla em seu sentido social e político, pensando princípios artísticos inerentes a conceitos filosóficos como, por exemplo, a ideia do “belo”, técnica e indústria cultural.” A Indústria Cultural e o Teatro na Realidade dos Trabalhadores com Materiais Recicláveis”, de Natássia de Oliveira, aborda a Indústria Cultural na realidade dos trabalhadores com materiais recicláveis a partir de reflexões teóricas com a experiência com o Teatro no projeto de pesquisa “Educação socioambiental: combate ao preconceito, consumismo, violência no contexto familiar dos filhos de trabalhadores com material reciclável de Goiânia”, coordenado pela professora Silvia Zanolla (FE/UFG); artigo trabalha a construção do problema, o método de pesquisa, seus fundamentos, o processo, alguns relatos e diversas problematizações acerca da existência do preconceito

e de seu reconhecimento, do papel e significado dos trabalhos dos catadores de materiais recicláveis, do consumismo, da violência, da luta de classes, da indústria, da indústria cultural, do teatro, dialogando com autores como Bertolt Brecht, Augusto Boal, Marx, Adorno, Horkheimer, Bakhtin, dentre outros.

O quarto artigo “Cultura, arte, estética e educação: disjunções ou confluências?”, Rita Furtado, traz uma reflexão sobre a relação entre arte e filosofia; esta última não só como pensamento abstrato, mas enquanto trabalho teórico que constrói a atitude constante de questionar. A arte, por sua vez, exterioriza a interioridade conjugando ação e emoção no fazer artístico, possuindo inerentemente um poder de comunicação e uma forte dimensão social; assim a autora trabalha a estética enquanto experiência formadora por meio da história para pensar os significados da cultura e a concepção teórica do termo “estética”, dialogando com diversos autores como Bauman, Baumgarten, Kant, Hegel e Schiller.

O sexto artigo da obra: “Arte e Experiência Estética: o assombro aproximando crianças e adultos”, Monique Nogueira, traz a perspectiva da experiência estética a partir do encontro com a obra de arte e se pergunta acerca do poder que esta tem de aproximar pessoas de diferentes idades. Trabalha ainda as ideias do encontro com o inesperado e o assombro através do contato com diferentes formas de arte, em especial, a contemporânea e a popular, destacando a importância do ato de apreciar e da dimensão emancipatória da cultura. O sétimo capítulo traz o artigo “A Crise do Drama e a Falência do Indivíduo na Contemporaneidade”, no qual Yonara de Oliveira contempla a

forma de expressão artística do drama para pensar a tensão entre forma e conteúdo no teatro contemporâneo, entendendo, a partir do pensamento de Adorno e Horkheimer, a obra de arte moderna como aquela que expressa a crise da experiência. O oitavo capítulo, “A Arte Monumental de Kandinsky: a busca das vibrações da alma humana”, de Sônia Ferrari, reflete sobre o sentido de “obra de arte total” no pensamento de Wagner, como fonte inspiradora do utópico tema da síntese das artes, centro das preocupações artísticas de vanguarda do século XX, e também se detém em alguns aspectos da arte totalitária, para então se debruçar na proposição da Arte Monumental, de Kandinsky, cujo plano de fundo é também a utopia da obra de arte capaz de unir todas as formas de arte.

A leitura da obra permite pensar a estética a partir de uma reflexão crítica sobre as construções históricas e as formas culturais concebidas durante esses processos, traços que determinam as práticas de nossa sociedade fundada no consumismo e na manipulação que alienam as pessoas das práticas políticas, exploram os trabalhadores, concebem e acentuam as diferenças, os preconceitos e a injustiça social. A perspectiva da estética mostra-se fundamentalmente ligada à compreensão de tais fenômenos. Eis que a Indústria Cultural tem papel fundamental no estabelecimento desses traços de injustiça social em nossa cultura, pois que utiliza a imagem e a arte como forma de ditar produtos e estilos de vida que devem ser consumidos. O livro traz a arte e o fazer artístico nesse contexto e articula diversas visões da arte ora como espaço de liberdade e subversão, ora como objeto de manipulação da indústria cultural, além de outras concepções. No entanto, tais

visões mostram a arte sempre em movimento, inserida numa perspectiva de ação, que além de ter valor em si, participa do enfrentamento de diversos problemas no âmbito da sociedade e da cultura. O texto é recomendável para aqueles que estudam e pesquisam os campos da Estética, da Arte, da Educação e da Formação de Educadores, podendo ser também importante para estudos nas áreas da Sociologia, da História e da Filosofia. Trata-se de uma leitura para aqueles que lidam com a educação na perspectiva das artes e até mesmo da Educação ambiental, uma vez que o campo da estética acaba por suscitar esse aspecto. A leitura, por fim, pode ser um deleite para aqueles que se interessam pela Teoria Crítica da Sociedade, pois faz boas articulações dessa corrente de pensadores, principalmente em Adorno, Benjamin e Horkheimer. De forma geral, a obra pode ser bem aproveitada por quem gosta de refletir criticamente, com uma perspectiva filosófica, acerca da sociedade, da arte e da cultura.

A organizadora Silvia Zanola, é psicóloga, mestra em Psicologia Social, doutora e pós-doutora em Psicologia Escolar e do desenvolvimento Humano, professora da graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, desenvolve pesquisas com ênfase em psicologia social e educacional a partir da abordagem teórico crítica da Escola de Frankfurt com temas: indústria cultural, infância, educação ambiental, consumo e violência, concepção de infância em Adorno, jogos eletrônicos e formação de valores, identificação de crianças com o videogame, comunicação e cultura, teorias da aprendizagem, teoria crítica e sociedade, arte, poder e cultura. Cumpre destacar, ainda, que a publicação é fruto

de contribuições dos estudos e pesquisas da Linha Cultura e Processos Educacionais do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG que tem como objetivo “[...] discutir e pesquisar os mais diversos processos educacionais a partir de seus fundamentos teóricos, metodológicos e práticos” (ZANOLLA, 2013, p. 07).

Submetido em:10/09/2016

Aprovado em: 10/09/2016